

A Criatividade Estratégica da *al-Qaeda*

Felipe Pathé Duarte

Investigador no Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica de Lisboa. Membro da direção e porta-voz do Observatório de Segurança, Criminalidade Organizada e Terrorismo (OSCOT).

Resumo

A dificuldade de ação do comando central perante as várias medidas associadas à “Guerra Global ao Terrorismo”, levou à simultânea descentralização e desterritorialização estrutural da *al-Qaeda*. O comando foi perdendo proeminência. Todavia, para uma efetiva consecução da vitória, a aplicação coletiva da força jihadista deverá ser orquestrada.

Quando a ação parte do comando central ainda se garante a transmissão certa da mensagem operacional e estratégica. Com a decapitação das cúpulas e o quase ruir da estrutura central, esta dinâmica tornou-se quase impossível. Ainda assim, a *al-Qaeda* mantém-se operacional e uma ameaça. Se a orquestração operacional depender de uma estrutura de cadeia de comando e controlo aumenta o grau de vulnerabilidade da organização. Mas a descentralização e a liberalização da jihad global dificultam a coordenação com prioridades estratégicas e impedem ações resultantes de boa aplicação de sinergias, como por exemplo, ataques em larga escala.

Este artigo procura compreender de que forma é que a *al-Qaeda* mantém a uniformidade da ação armada jihadista, não obstante a ausência de uma estrutura que conceba uma doutrina militar.

Abstract

The “Global War on Terrorism” restricted the operational control of the *al-Qaeda*’s Central Command. Since then, we have been witnessing a structural decentralization and “deterritorialization”. The Central Command lost preeminence. However, for an effective jihadi victory, there should be an orchestrated application of the force.

When the armed action comes directly from the central chain of command, the operation still has the correct strategic and operational message. After the structural decapitation of the command, and the collapse of the central structure, this dynamical became almost impossible. Even though, remains operative, and a threat.

On the one hand, if the operational dimension lays on a chain of command and control, it will increase the vulnerability of the structure. On the other, decentralization and liberalization of global jihad hampers coordination with strategic priorities, and effective armed actions.

This article aims to identify the way how *al-Qaeda* maintains a standardization of the armed action, notwithstanding the absence of a real structure of command and control that conceives and applies a military doctrine.

Enquadramento: A Fluidez de um Sistema

Neste últimos anos indivíduos ou pequenas células têm vindo a agir em nome da *al-Qaeda*, a estrutura que melhor catalisa e maximiza a militância no jihadismo global. Porém parecem não ter qualquer relação com o comando central, ou sequer com os grupos afiliados a esta estrutura. Esta é uma a terceira forma de *al-Qaeda* que se assume pela dimensão ideológica e que, através de um mimetismo operacional, ganha forma. Passamos a explicar.

Volvidos doze anos desde os ataques de 11 de setembro, a estrutura criada por Bin Laden insiste numa linha de ação multiforme que depende de três “centros de gravidade”¹ simultâneos. E, à semelhança da água que pode ter três estados (líquido, sólido e gasoso) a *al-Qaeda*, surgida em meados da década de 1990, reificou-se em três formas correspondentes a três tipos de “centro de gravidade”²: uma central, outra periférica e, por fim, outra inspiradora.

A primeira manifesta-se numa estrutura dependente de um comando central. Está na génese da organização, e ainda hoje permanece ativa. A segunda manifesta-se reticularmente, em filiações regionais quase sempre pré-existentes à estruturação da *al-Qaeda*. A última manifesta-se naqueles que, sem qualquer tipo de ligação ao primeiro ou ao segundo tipo de estrutura, bebem da ideologia qaedista e em nome dela agem sem planeamento ou indicação do comando central ou de outro comando “regional”.

A *al-Qaeda* central, cuja estrutura advém do período pré-11 de setembro, tem uma cadeia de comando bem definida e como espaço geográfico a zona que compreende a fronteira do Paquistão com o Afeganistão. A segunda forma de existência compreende as organizações jihadistas, de âmbito local e regional, associadas e afiliadas à *al-Qaeda*. Como terceira forma há que considerar a inspiração ideológica

1 “Centro de Gravidade” é um conceito atribuído a Carl von Clausewitz e que nasce da ideia de *Schwerpunkt*, que significa literalmente “foco de esforço”. Mas note-se que o prussiano jamais utilizou este conceito na sua obra. Porém a ideia de *Schwerpunkt* foi utilizada em diversas ocasiões ao longo de *Vom Kriege*. No livro VIII, Clausewitz refere que em países com guerras internas o *Schwerpunkt* seria, normalmente, a capital do Estado. Em países pequenos que dependem de outros maiores é o exército do protetor, entre alianças o *Schwerpunkt* é a comunhão de interesses, em guerra de caráter popular é a opinião pública e a personalidade dos seus líderes. Segundo Clausewitz, é sobre o *Schwerpunkt* que, estrategicamente, todas as energias deverão ser canalizadas em ordem a neutralizar a ação das forças do inimigo, e prosseguir para a vitória final. A identificação do *Schwerpunkt* capacitaria o atacante a alcançar estes objetivos, pois, no fundo é o centro de todo o poder e do movimento, ou seja, do qual tudo depende (Clausewitz, 2008: pp. 428-432).

2 Por “centro de gravidade” entendemos o ponto cuja aniquilação representa para o inimigo a destruição do seu poder militar, político, económico, territorial e moral. Por outras palavras, representa o colapso total da estrutura defensiva e ofensiva do inimigo.

que desperta o fervor militante de quem nunca esteve ligado às duas primeiras manifestações. É inspiracional e ocupa o espaço virtual das novas tecnologias de informação, nomeadamente a internet. É aqui que perpassa a propaganda ideológica e que se forjam relações sem contacto físico entre indivíduos que partilham a mesma mundividência.

A Terceira Forma da *al-Qaeda*: O “Jihadismo de Natureza Autóctone”

A terceira forma da *al-Qaeda*, que começou a ganhar proeminência na segunda metade da década de 2000, manifesta-se essencialmente em países ocidentais. Por um lado porque esta parece ser a melhor maneira de levar a cabo uma ação armada onde não há frentes de guerra jihadistas (como nos países onde se localizam as organizações afiliadas). E, por outro, porque somente a condição sociopolítica ocidental permite a incubação no seu seio de quem o quer destruir. Ou seja, para sobreviver a *al-Qaeda* sofreu mais um processo de adaptação à realidade. Houve como que “uma reconfiguração morfológica e fisiológica de reajustamento às funções que preenche e à hostilidade do ambiente em que se vê imersa” (Marques Guedes, 2007: 219). São militantes que agem por sua própria iniciativa, angariando os seus próprios fundos, obtendo por si o equipamento necessário e, por vezes, criando as suas próprias células. Este é o quadro maior em que deve ser lido o que se segue.

Aqui não há atores-chave, nem líderes operacionais com ligações ao comando central, a providenciar *safe-houses*, financiamento ou treino suficiente para uma operacionalidade bem-sucedida. Há apenas uma identidade coletiva mobilizadora que, mesmo não partilhando a totalidade ideológica, emerge tipo comunidade epistémica “contra-hegemónica” virtual. As clivagens mantêm-se e as agendas locais também, todavia as divergências fundem-se no combate a um adversário comum. Note-se que a coordenação nesta terceira forma de *al-Qaeda* não vem de nenhum comando central, surge espontaneamente. É por aqui que, associada a uma radicalização islâmica de carácter violento que se tem vindo a sentir nos EUA e na Europa, nasce o “jihadismo de natureza autóctone”. É um tipo de ação armada que é levada a cabo por atores individuais ou grupos que vivem e estão estabelecidos nesses países e que são inspirados ou motivados pela ideologia do jihadismo global. No espaço europeu, uma grande parte dos atores que perpetram o “jihadismo de natureza autóctone” provém de comunidades socialmente marginalizadas. Contudo, este tipo de situação já não se verifica tanto nos EUA, por exemplo. Na Europa tendem a ser porosos à radicalização e à *jihad*, exilados radicais e jovens migrantes muçulmanos de segunda e terceira geração que vivem numa espécie de limbo identitário. O islamismo e a sua forma mais radical de ação, o jihadismo global, não deixam de ser uma pílula antialienante para estes jovens muçulmanos. Estes,

desenraizados por não se sentirem culturalmente próximos dos países da origem familiar e por não se reconhecerem nos países de acolhimento, tornam-se permeáveis a uma doutrina que lhes fornece uma realidade empacotada. É-lhes dada uma identidade e uma noção de pertença.

No caso norte-americano a situação é ligeiramente diferente, uma vez que os atores desta terceira forma de *al-Qaeda* estão melhor integrados na sociedade. Advém das mais diversas condições socioeconómicas, variam em idade, etnicidade e habilitações. Muitos, contrariamente ao caso europeu, nem sequer têm registo criminal. Note-se porém que em ambos os casos o processo de conversão, radicalização e consequente ação armada, varia individualmente. Torna-se difícil estabelecer um padrão. Além disso, apenas um pequeno número de radicalizados dá o salto para a ação armada (Bokhari *et al.*, 2006; Duarte, 2010; Emmerson, 2009; Nesser, 2008; Precht, 2007; Roy, 2008; Vidino, 2006).

Características Operacionais

O nível operacional dos vários grupos ou atores individuais que agem inseridos nesta terceira forma de *al-Qaeda* é variável. Nem todos têm a mesma capacidade financeira ou experiência militar. Com efeito, uma grande parte das ações armadas tem sido abortada pelas forças e serviços de segurança ainda em fase de planeamento. Outras, por eventual falta de financiamento ou experiência militar, acabam por não ser levadas a bom porto pelos operacionais. Porém, isso pouco importa para a dimensão propagandística. Aliás, a estrutura central da *al-Qaeda* parece reconhecer que este tipo de ataques em solo ocidental não precisa de sucesso operacional para se efetivarem e terem as repercussões desejadas.

Nos EUA, entre 2001 e 2008, houve 21 ataques falhados ou bem-sucedidos de “natureza autóctone”. Mas, entre maio de 2009 e outubro de 2011, foram registados 32 ataques falhados ou bem-sucedidos em solo norte-americano (Kurzman, 2012). É assim fácil concluir que a partir de 2008 este tipo de ação tem vindo a ser uma perigosa tendência. Já no espaço Europeu, através dos relatórios anuais sobre terrorismo na União Europeia produzidos pela Europol, pode ver-se que entre 2006 e 2011 houve apenas nove ataques falhados ou bem-sucedidos e, sob acusação de ligação a ações armadas em nome da *al-Qaeda*, foram presos 1056 militantes (TE-SAT, 2008, 2009, 2010, 2011 e 2012). Perante estes factos, permitimo-nos então afirmar que o “jihadismo de natureza autóctone” é o tipo de ação que tende a caracterizar esta terceira forma de *al-Qaeda*.

Para além da gestação da radicalização se processar em território onde é levada a cabo a ação, ainda há mais quatro grandes características que nos permitem identificar uma ação como sendo fruto do “jihadismo natureza autóctone”. Falamos então da importância crucial do elo ideológico que os une – o jihadismo global;

do uso da internet como forma de comunicação; do papel das redes sociais como forma de radicalização e de gatilho para ação armada; e, por último, da atuação em pequenos grupos ou individualmente.

A ideologia do jihadismo global surge como o elemento comum dos diversos grupos e atores individuais. Há neste caso um claro esmiuçar da narrativa da guerra do mundo ocidental contra o Islão, passando a cada potencial jihadista um sentimento de proteção da *Ummah* (comunidade muçulmana) e de pertença ao topo da espada de um movimento global. É uma mensagem que se adequa com facilidade às frustrações e ao extremismo de vários muçulmanos a viver em países ocidentais, acabando por uni-los em prol de uma causa comum. Esta mensagem favorece uma realidade empacotada, fundamental para recrutamento de jovens não inseridos socialmente, como acontece no caso europeu. Mas muitos deles estão mais focados na mensagem da guerra do Ocidente contra o Islão, do que nos elementos doutrinários passados pelos ideólogos do jihadismo global. Contudo, a projeção de forças ocidentais em países de maioria muçulmana vem corroborar esta mensagem.

Para além de ferramenta essencial para recrutamento de todo o tipo de potenciais militantes, a ideologia também tem servido como fio condutor ao nível do planeamento operacional. Esta vertente também depende da ideologia, que prova ser suficientemente persuasiva para inspirar ataques aos mais variados alvos, civis ou militares (Pregulman e Burke, 2012).

A dependência da internet como forma de comunicação é crucial. Em primeiro porque desempenha um importante papel na disseminação ideológica. E em segundo porque também serve como base de coordenação, facilitação e apoio de ações armadas. Há ainda que chamar a atenção para o papel das redes sociais da internet que acabam por substituir as redes físicas. Plataformas virtuais como as contas de *email*, blogs, fóruns e *softwares* que disponibilizam vídeos *online* ou que permitem a comunicação por voz e imagem em tempo real, têm sido os grandes instrumentos daqueles que procuram juntar-se à militância e levar a cabo ações armadas internamente. O acesso fácil à internet e a disponibilidade de informação permite que qualquer indivíduo chegue à mensagem jihadista, se assim o entender, de uma forma individual e de difícil deteção. Por ora é de referir que apenas a disponibilidade *online* de propaganda, seja através de sermões jihadistas em inglês, seja através de folhetins, tem sido o elo entre vários potenciais jihadistas.

Além disso, a internet também tem sido usada para apoio e planeamento operacional, bem como para treino “virtual”. No que diz respeito ao planeamento operacional, lembramos, a título de exemplo, que o bombista de Times Square, Faisal Shahzad³, usou imagens de vídeo em tempo real da praça, disponíveis na internet,

3 Aludimos ao atentado em maio de 2010, em Times Square, Nova Iorque, feito sob os auspícios dos paquistaneses Tehrik-i-Taliban. Cf. US blames Pakistani Taliban for Times Square bomb

para apanhar na explosão o maior número de transeuntes. Embora sem grande sucesso operacional, o treino “virtual” surge como resposta à impossibilidade de treino presencial nos campos entre o Afeganistão e o Paquistão, fruto da monitorização de viagens de potenciais jihadistas. Lembramos também que a revista *online* de língua inglesa *Inspire* cumpre a tarefa de treino “virtual” eficazmente, ensinando, por exemplo, com uma forte carga imagética, como fazer uma bomba numa cozinha ou ainda como se deve rentabilizar uma espingarda automática AK-47.

A dependência das redes sociais físicas acaba também por ser uma característica do jihadismo de “natureza autóctone”. Intermediários com ligações, mesmo que ténues, às duas primeiras formas de *al-Qaeda*, têm funcionado como uma espécie de mobilizadores e facilitadores, acelerando o processo entre a radicalização e a ação armada. Muitos deles, dominando a língua local, acedem com facilidade a algumas comunidades islâmicas, podendo, entre os seguidores, transmitir a mensagem da *jihad* global, motivando assim à ação armada (Prech, 2007: 53-56). Outros podem ainda agir como “caça-talentos”, ou seja, identificam e assistem indivíduos que já tenham sido radicalizados. Alguns líderes de comunidades islâmicas na Europa, como Abu Hamza al-Masri, Abu Qatada al-Filistani ou Omar Bakri preenchiem estes requisitos⁴. Contudo, eles não instigavam ataques no território que lhes fosse anfitrião.

Podemos sim dar como exemplo o caso da comunidade somali do Minnesota, EUA, cujas mesquitas são utilizadas por “caça-talentos” do *al-Shabab* (Nelson e Bodurian, 2010). Há também o caso de Colleen LaRose, mais conhecida mediaticamente por “*Jihad Jane*”, uma norte-americana convertida ao Islão que se associou a um intermediário jihadista depois de ter manifestado o seu interesse em se tornar uma *shaheed* (mártir suicida). Foi presa em 2010 por apoio e recrutamento para a *jihad* global e também por estar envolvida na tentativa de assassinato de um cidadão sueco que caricaturou a figura de Mohammed.

A quarta característica tem a ver com facto do “jihadismo de natureza autóctone” ser levado a cabo por pequenos grupos ou individualmente. Neste caso, temos então os entusiastas e os que efetivam a ação armada. Aos primeiros o analista norte-americano Jarret Brachman classifica-os como *jihobbyists*, isto é, indivíduos

plot”. *The Washington Post*, May 10, 2010.

4 Omar Bakri Mohammed (n. 1958), de origem síria, foi desde Londres que se tornou um dos clérigos radicais mais conhecidos do islamismo. Tanto Abu Hamza al-Masri (n. 1958) como Abu Qatada al-Filistani (n. 1959) são tidos como sendo dos principais ideólogos que, nas mesquitas de Londres da década de 1990, sobretudo na famigerada mesquita de Finsbury Park, ajudaram a forjar a doutrina do salafismo-jihadista. Deram suporte teológico a ações jihadistas violentas, nomeadamente no que diz respeito à morte propositada de civis, como foi o caso do Group Islamique Armée (GIA) na Argélia. Publicaram diversos escritos que se tornaram célebres entre a comunidade jihadista.

que se interessam e seguem as movimentações da primeira e segunda forma de *al-Qaeda*, mas sem qualquer tipo de ligação ao comando central ou a grupos afiliados. Para Brachman é muito pouco provável que este tipo de militantes venha a desempenhar alguma ação que apoie diretamente a *al-Qaeda* e movimentos associados (Brachman, 2009). No fundo, são militantes que têm como *hobby* a *jihād* e que levam a cabo a sua participação indireta através do seu computador: alojando *websites*, editando vídeos propagandísticos e publicações *online*, compilando e disponibilizando sermões e discursos de líderes... É sobretudo através deles que a ideia de *al-Qaeda* se mantém dinâmica e mobilizadora. Os *jihobbyists* têm um papel fundamental na *jihād* de “natureza autóctone”, sustentam a plataforma virtual que une os pequenos grupos e os indivíduos que procuram a ação armada – “[*jihobbyists*] servem para aculturar praticantes na mentalidade *jihadista*, porque estes indivíduos passam a ter relações diretas com outros, aumentando assim a pressão entre os seus pares, geralmente empurrando o compromisso para com o movimento *jihadista*”⁵ (Brachman, 2009: 19).

Estimulados então pelos *jihobbyists*, que contribuem para a ideia de uma subversão global em nome da *al-Qaeda*, está então o “subconjunto” que a maioria dos especialistas em contraterrorismo apelida de “lobos solitários”, que podem, ou não, atuar em grupo. Por “lobos solitários” consideramos apenas aqueles indivíduos (ou pequenas células de indivíduos) que, em nome de uma ideologia, neste caso o *jihadismo* global, perpetram ações armadas contra concidadãos, mormente civis, de países ocidentais. Esta forma de ação armada é caracterizada por um certo isolamento operacional. Neles não se conhece qualquer tipo de relação direta nem com o comando central, nem com as afiliadas regionais. Destas duas últimas formas apenas retiram inspiração e orientação. Isto é, funcionam como “guiões” doutrinários e modelos genéricos de comportamento, seja pela disseminação propagandística seja pelo mimetismo operacional.

A Criatividade Estratégica

Pese embora o facto de não terem partido de uma cadeia de comando e controlo, os ataques do “*jihadismo* de natureza autóctone” parecem demonstrar uma determinada unicidade, tanto ao nível ideológico como ao nível tático. Ou seja, a ausência de uma estrutura formal não impediu que os preceitos ideológicos e estratégicos fossem levados a cabo.

Já aludimos à dimensão ideológica, cuja comunicação perpassa por “guiões” doutrinários da liderança, e à dimensão operacional, cuja comunicação poderá ocorrer

5 Tradução livre do autor. Optou-se pela não inserção dos textos, sejam eles originais ou traduções, por se considerar que a leitura do presente artigo se afiguraria mais densa.

por mimetismo. Para ambos os casos a novas tecnologias de comunicação revelam-se fundamentais, são veículos de transmissão da mensagem.

Porém, nesta análise ficamos então presos a dois topos – o fundamento no campo ideológico (ou grande estratégia) e no campo tático (ou operacional). Se assentarmos nesta perspectiva anuímos a ausência de uma estratégia militar que leve à correta aplicação da força armada. Mas esse é um facto ilusório, como veremos.

A Doutrina Militar Possível

Repare-se que nos dois primeiros tipos de *al-Qaeda*, a central e a periférica, encontramos uma estrutura que pode moldar uma doutrina militar: seja pela cadeia de comando e controlo central; seja pela estrutura em rede espalhada geograficamente, mas que ainda depende operacionalmente da organização central (planeamento, *expertise* ou financiamento) ou que pode depender internamente de uma outra cadeia de comando e controlo de outra estrutura jihadista pré-existente. Contudo, nesta terceira forma, deparamo-nos com a ausência dessa mesma estrutura, logo com a ausência de líderes operacionais. Isto é, parece não haver uma doutrina militar sobre a melhor forma de aplicação da força armada. E, na verdade, se atendermos à história da *al-Qaeda*, ela nunca existiu no verdadeiro sentido da palavra. Pondo o problema de outra forma – nunca houve uma doutrina que uniformizasse a componente tática que visasse os objetivos estratégicos do jihadismo global. Nas primeiras duas formas de *al-Qaeda* essa lacuna é superada estruturalmente e através da presença de líderes operacionais ligados à organização central. Todavia, nesta última forma, a ausência de uma estrutura leva-nos a perguntar de que forma a *al-Qaeda* tenta ultrapassar esta lacuna. Sabemos pois que se trata de uma componente fundamental que afeta a combinação entre a ideologia (e vontade política) com a operacionalidade. Não é suficiente apenas a existência de uma componente ideológica que sirva de guia. E operacionalidade sem coordenação estratégica/doutrinal leva a “fugas” ideológicas e à perda de pragmatismo político.

É preciso o gizar de uma operacionalidade que catalise os ódios e estabeleça uma ponte com a grande estratégia (ou a componente ideológica). Por outras palavras, ódios poderão levar a rebeliões desorganizadas e a ideologia sem estratégia (e, neste caso, doutrina militar) a puras ações terroristas. Então, de que maneira é que a criatividade estratégica jihadista supera esta lacuna para uma útil aplicação das forças?

Até ao despertar global do jihadismo, antes do aparecimento da *al-Qaeda* em meados da década de 1990, não havia muitos registos de pensamento estratégico político-militar. Com efeito, para os *mujahedin* a estratégia tinha uma componente puramente religiosa. Contudo, depois do desencadear da “Guerra Global ao Ter-

rorismo”⁶, temos vindo a assistir ao estruturar de um pensamento estratégico jihadista de caráter mais pragmático, secular, em grande parte bebido de fontes não-islâmicas, e que passou por um escrutínio de falhas e erros cometidos anteriormente. Assim, na ausência de uma forma efetiva de comunicação, uma vez que a pressão da “Guerra Global ao Terrorismo” limitou essa possibilidade, a partir da segunda metade da década de 2000 começou então a assistir-se ao surgimento de uma comunidade de estratégias próximos à nebulosa que é a *al-Qaeda*. Esta comunidade publica em *think tanks* jihadistas virtuais e informais, como o *Tawhed*, ou publicações *online* ligadas à *al-Qaeda*, como a recente e já referida revista *Inspire* ou o já inexistente jornal *al-Ansar*.

As publicações proliferaram sobretudo depois da invasão do Afeganistão, quando deixou de haver campos de treino e portos seguros onde as intenções de aplicação da força militar da *al-Qaeda* eram facilmente passadas e bebidas. É também de referir que, atendendo ao desaparecimento de alguma liderança, este tipo de escritos surgiu como o fruto de competição entre os potenciais líderes. Isto é, eles publicam a sua visão estratégica para mais fonte de recrutamento e ganhar reputação e respeito como escolares entre os militantes (Brachman e McCants, 2006).

Os Doutrinadores

Abu Ubayd al-Qurashi

Destacamos, entre outras, as publicações de Abu Ubayd al-Qurashi, que percebeu a necessidade de uma estratégia coerente para a vitória do jihadismo global.⁷ Nos seus trabalhos cita com frequência literatura militar ocidental, nomeadamente no que diz respeito a conceitos de guerra assimétrica. Refere-se com bastante frequência a autores que teorizam sobre subversão armada e outras formas de guerra não convencional como Robert Taber⁸, Mao Tse-Tung, William Lind e Thomas Hammes

6 Por “Guerra Global ao Terrorismo” entendemos a campanha lançada pelos EUA, sob a presidência de George W. Bush (n. 1946), com o apoio do Reino Unido, da NATO (*North Atlantic Treaty Organization* / Organização do Tratado do Atlântico Norte) e outros países. A campanha foi lançada em resposta ao 11 setembro de 2001 e os ataques tinham um objetivo declarado: eliminar o terrorismo internacional.

7 Abu Ubayd al-Qurashi é o pseudónimo de alguém que foi, com toda a certeza, um líder e estratega da *al-Qaeda*, além disso era próximo de Osama bin Laden. Os seus escritos versam sobre estratégia jihadista e sobre táticas de subversão armada. Desapareceu em 2004, pensa-se que terá morrido aquando da ocupação do Iraque (Brachman, 2009; MacCants, 2006; Stout, 2008; Zabel, 2007).

8 Referimo-nos ao clássico estudo sobre guerra de guerrilha, publicado em 1965, por Robert Taber, *The War of the Flea: The Classic Study of Guerrilla Warfare* (Taber, 1976).

(guerras de “Quarta-Geração”)⁹ e até Carl von Clausewitz. Nele está bem patente a importância do poder mediático como ponto nodal do conflito, sendo que a vitória terá que ser mais mediática que militar, pois o apoio populacional da *Ummah* é crucial no desenrolar de uma guerra subversiva.

Abu Bakr al-Naji

Num registo de continuidade temos Abu Bakr al-Naji.¹⁰ Em 2004, sob este pseudónimo, foi escrito um importante texto intitulado *Idarat al-Tawahhush*, ou “Gestão da Barbárie: a fase mais crítica pela qual a *Ummah* passará”.¹¹ Este texto é um autêntico manual de configuração muito precisa. Estabelece os princípios de condução de uma guerra de guerrilha: a corrosão do inimigo e a necessidade de adesão da população à bandeira da rebelião, com vista ao estabelecimento de um Estado Islâmico. O autor vem muito da linha de al-Qurashi, privilegiando na subversão armada a ação de guerrilha em terrenos geograficamente favoráveis ao combatente subversivo.

Note-se que tanto al-Naji como al-Qurashi fazem uma análise tendo como espaço da ação subversiva zonas de conflito aberto jihadista. Aliás, este último autor congratula-se com a situação no Iraque, uma vez que a presença de tropas ocidentais vem possibilitar uma fonte de propaganda e uma adesão massiva da *Ummah* à causa. Depois da saída das forças ocidentais, uma inevitabilidade tida em conta no texto, al-Naji aponta algumas diretrizes para o caminho do jihadismo global, sendo que a estrutura descentralizada é tida em conta. Mas, o que é relevante é que nessa descentralização al-Naji sugere que o movimento se dissemine por espaços favoráveis aos jihadistas, onde haja proliferação de armas (de pequeno porte, principalmente), onde a ideologia do jihadismo global seja bem aceite e onde seja viável a tomada de poder. No fundo, deveria disseminar-se para Estados falhados onde possa ter controlo territorial (al-Naji, 2006: 17). E foi o que aconteceu em países como o Iraque e o Afeganistão, e poderá vir a acontecer nos vazios de poder deixados pela “Primavera Árabe”¹².

9 O marcante trabalho destes norte-americanos refere que a guerra progrediu por diferentes estágios, e que, neste momento, vivemos as guerras de “quarta-geração”, caracterizadas pela assimetria entre a alta tecnologia, que caracteriza as forças armadas ocidentais, e as arduas e tecnologicamente inferiores forças irregulares (Terrif, 2008).

10 Também pouco se sabe sobre al-Naji, cre-se que é de origem jordana ou tunisina. Mas poderá até ser um pseudónimo de vários estrategas.

11 Este texto, disponível *online* desde 2004, foi originalmente publicado na revista *Sawat al-Jihad* (Voz da Jihad), que era coordenada pela afiliada saudita da *al-Qaeda* entre 2004 e 2007. Para este estudo seguimos a tradução em língua inglesa de William McCants para o Olin Institute for Strategic Studies da Universidade de Harvard.

12 Por “primavera Árabe” entendemos o processo revolucionário que teve início em dezembro

Al-Naji sublinha ainda a importância de operações contra infraestruturas críticas para a economia das regiões onde as forças ocidentais estejam envolvidas – poços de petróleo, *pipelines*, zona de turismo (al-Naji, 2006: 19). A proteção destas zonas, pelas forças locais ou “ocupantes”, criará um vácuo securitário que inevitavelmente será preenchido pelo caos e pela disputa entre as várias facções subversivas (senhores da guerra, criminalidade organizada, líderes tribais...) para estabelecer controlo daquela área. Para al-Naji, os jihadistas são os únicos preparados para um efetivo controlo territorial. Isto é, tal como o título do texto sugere, a estrutura da *jihad* global é a única força capaz de “gerir” a barbárie criada pela retirada das forças “ocupantes” e locais do território.

“A fase do ‘poder de vexação e exaustão’ por meio de grupos e células separadas em todas as regiões do mundo islâmico – primárias e secundárias – (deveria continuar) até que o caos previsto e barbárie ecludam em várias regiões (...) Entretanto não haverá caos nas regiões dos restantes Estados devido ao poder dos seus regimes e à força da sua centralização” (al-Naji, 2006: 16).

Desta forma, avança-se com legitimidade e conquista-se a população, um fator-chave na vitória subversiva. O caos e o conflito gerados pela conquista de poder criarão na população um sentimento de medo e desespero, tornando-as permeáveis à “ordem” imposta pela estrutura jihadista. Aludindo à vida de Mohammed, al-Naji assume esta fase de “barbárie” como sendo semelhante à fase em que Medina ainda se encontra sob administração não-muçulmana, antes da chegada do Profeta, antes da *hijra*, a ida de Meca para Medina.¹³

de 2010 na Tunísia, e que depressa se alastrou pelo Norte de África e pelo Grande Médio Oriente. Para além deste país, o processo teve particular incidência no Egito e na Líbia. Tanto na Tunísia como no Egito levou à queda dos regimes seculares nasseristas. Na Líbia a revolução levou a uma guerra civil, com apoio tácito da comunidade internacional e à posterior queda do regime autocrático de Muammar al-Gaddafi (1942-2011). A onda revolucionária também teve forte incidência no Médio Oriente, nomeadamente no Iémen, Síria, Bahrein e Jordânia. O primeiro caso teve como consequência também a mudança de regime, nos dois últimos houve alteração governamental. À data em que se escreve, a Síria vive em ambiente de guerra civil. Resta pois dizer que este ímpeto revolucionário é fortemente marcado pela volatilidade dos protestos contra os regimes, pelo efeito dominó da contestação e insurreição, e pela forma de comunicação subversiva baseada em plataformas de redes sociais disponíveis na internet.

13 Sobre esta condição, al-Naji diz o seguinte: “Pode considerar-se a era anterior ao primeiro estágio da época de Medina – antes de ser estável, de se estabelecer um Estado em que eram dados o *zakat* e *jizya*, antes de se tornar permanente e de ter o reconhecimento das províncias próximas e de nomear governadores e magistrados – Medina foi administrada visando uma administração pela selvajaria” (al-Naji, 2006: 12).

Abdulaziz al-Muqrin

Podemos também incluir aqui os textos do antigo líder da *al-Qaeda* na Península Arábica, Abdulaziz al-Muqrin.¹⁴ O seu trabalho, embora menos conhecido na academia ocidental, não é de somenos importância no mundo jihadista. Al-Muqrin também tentou criar uma estratégia militar assente, sobretudo, em táticas de guerra de guerrilha. No fundo, o que este saudita faz é combinar a sua vasta experiência prática de combate com teorias de guerra de guerrilha, de forma a criar, tal como os outros trabalhos citados anteriormente, uma doutrina de aplicação de forças. Com uma linha de análise igualmente secular e pragmática, al-Muqrin, partindo do preceito ideológico do “inimigo distante”, vê na expulsão das forças armadas ocidentais do mundo muçulmano a tarefa primeira. Depois refere-se à deposição dos regimes apóstatas, seguida da constituição do Califado Islâmico. E, um pouco à la Leon Trotsky (com a ideia de revolução permanente), apela a uma *jihad* continua até à conversão total no Islão.

Tal como em al-Qurashi e al-Naji, al-Muqrin desenvolve uma doutrina de ação armada subversiva localizada, isto é, em países onde há (ou é possível que haja) uma frente aberta de combate jihadista. Naturalmente que o fez tendo em conta a situação do Afeganistão e Iraque, e a possível frente aberta jihadista na Península Arábica, para a qual ele lutava. Daí privilegiar a guerra de guerrilha e não tanto a ação terrorista como forma de combate, pois com frente de guerra jihadista há margem para estrutura de comando, para estabelecer um “foco” guevarista¹⁵, sendo também crucial a ligação à população, de onde provém a legitimidade de combate. Assim, no seu livro *Dawrat al-tanfidih wa-harb al-‘asabat*, ou “Um Curso Prático sobre Guerra de Guerrilha”, de 2004, encontramos uma matriz para planeamento, treino e pensamento operacional jihadista. Segundo al-Muqrin a subversão armada deverá reunir duas pré-condições para se desenrolar: estabelecer um grupo de combatentes comprometidos, motivados com a causa e que ajam em conformidade ideológica; poder contar com o apoio da população, ou então desencadear ações revolucionárias que os leve a granjear e mobilizar esse apoio.

O saudita desenvolve uma estratégia assente em três fases. Uma primeira, “defesa estratégica”, em que o combatente deverá conduzir o inimigo à exaustão através

14 Abdulaziz al-Muqrin (1971-2004) era o líder operacional da *al-Qaeda* da Arábia Saudita em 2004. Escreveu o livro *Dawrat al-tanfidih wa-harb al-‘asabat*, “Um Curso Prático sobre Guerra de Guerrilha” (a tradução para inglês está disponível em Cigar, 2009).

15 Segundo Ernesto “Che” Guevara, o “foco” seria o centro de gravidade da guerrilha, o ponto base e vanguarda da revolução, e é de onde partem as decisões políticas e militares. Esta conceção surge da própria experiência da revolução cubana, que começou com o reduzido número de treze combatentes, baseados na Sierra Maestra, e depois se estendeu para toda a ilha (Guevara, 1961; Childs, 1995).

do confronto não direto e de pequenos ataques – “o *mujaheedin* também pode aproveitar esta fase para tornar clara a verdade sobre a atual luta na região (...) ou sobre o inimigo brutal que ocupa as suas terras” (al-Muqrin, 2009: 95).

Na segunda fase, “balanço estratégico”, o jihadista deverá contar com o apoio populacional e controlar as áreas territoriais libertadas, tipo “foco” guevarista, onde serão estabelecidas bases e centros de divulgação de *media* – “A partir das suas áreas libertadas, das suas instalações administrativas e dos respetivos centros de *media*, os *mujaheedin* também devem continuar sua agitação para revelar a fraqueza e incapacidade do regime colaboracionista em esmagar os *mujaheedin*” (al-Muqrin, 2009: 98).

Por fim, na “fase decisiva”, depois de corroída a autoridade institucional, o regime colapsa política e economicamente. Além disso, pedirá ainda ajuda internacional e recuará a sua zona de influência para as grandes cidades, deixando as zonas rurais à mercê da organização subversiva. Mas este saudita não defende que, no final, as forças subversivas se transformem em exércitos regulares. Tendo em mente o Afeganistão pós-soviético, este saudita defende que os *mujaheedin* se devem organizar sempre de uma forma espontânea.

Ao nível tático, al-Muqrin alude a assassinatos e raptos, infiltrações e exfiltrações, ao uso de explosivos ou à importância de um serviço organizado de informações. E, tal como al-Naji, também privilegia ataques contra infraestruturas críticas para a economia das regiões onde as forças ocidentais estejam envolvidas.

Iraq al-Jihad – Amal wa Akhtar

Ainda neste assunto, destacamos o estudo anónimo *Iraq al-Jihad – Amal wa Akhtar*, ou “*Jihad* no Iraque: Esperanças e Perigos”, que, de uma forma muito pragmática e analítica, explica como deveria proceder a resistência iraquiana para derrotar o governo do primeiro-ministro Nouri al-Maliki e as forças da coligação. O estudo foi publicado *online* em língua árabe no site *Global Islamic Media*.¹⁶

A relevância deste texto de 42 páginas, datado de 10 de dezembro de 2003, prende-se com o facto de ter elencado as grandes fragilidades da coligação ocidental que invadiu o Iraque. Mais interessante ainda é haver recomendações a fortes ataques contra as forças espanholas que estavam neste país, bem como tirar o máximo proveito das eleições em Espanha no mês de março do ano seguinte à publicação. Uma das razões elencadas seria a dificuldade que o povo espanhol,

16 Apenas conseguimos ter acesso à versão original deste texto, pelo que, por não dominarmos suficientemente a língua árabe para sua interpretação, não o analisámos a fundo. Porém, acabámos por recorrer a boas fontes secundárias que explicam com precisão o teor do texto (Lia e Hegghammer, 2004; Paz, 2004; Stout, 2009).

fortemente católico, teria em lidar com a morte dos seus soldados. Coincidência, ou não, a 11 de março de 2004 são levados a cabo os atentados de Madrid e, em consequência, o governo espanhol ordenou a retirada das tropas de solo iraquiano. Sobre este texto, Reuven Paz, um israelita especialista em contraterrorismo, diz-nos o seguinte:

“O motivo principal desta análise é a forma como criar uma mudança no governo espanhol, que obriga a retirada das forças espanholas do Iraque; a diminuição significativa do apoio espanhol para os Estados Unidos por pressão popular; a oposição na Itália e na Polónia à presença das suas tropas no Iraque, e criar pressão no Reino Unido contra a aliança do seu governo com os americanos” (Paz, 2004).

Note-se que neste documento não há qualquer tipo de considerações táticas, estão apenas elencadas algumas considerações estratégicas. É de referir também que, à semelhança dos trabalhos dos outros três autores, foge à regra dos textos jihadistas. Isto é, demonstra uma abordagem secular ao contexto político, livre do peso metapolítico da ideologia jihadista. Denota também uma análise mais ou menos académica ao problema, revelando uma argumentação racional e organizada. Demonstra, portanto, a procura de um conhecimento depurado das características e qualidades do inimigo, livre de interpretações metapolíticas.

Abu Musab Al-Suri

Deixámos então para último aquele que pensamos ser o mais prolífico e completo de todos os estrategas do jihadismo e que, por isso, pode representar uma ameaça mais premente para o ocidente. Estamos a falar de Abu Musab Al-Suri, o já referido sírio que em 2005 publica *Da'wat al-muqawamah al-islamiyyah al-'alamiyyah*, ou “Apelo a uma Resistência Islâmica Global”, a sua *magnum opus*.¹⁷ Al-Suri revela-se-nos crucial para perceber a terceira manifestação da *al-Qaeda*. O seu trabalho é o mais claro exemplo de uma estratégia e doutrina militar jihadistas. É mais uma abordagem que, partindo de *lessons learned* e casos de boas-práticas, faz uma interpretação secular, científica e pragmática sobre a melhor forma de aplicação das forças jihadistas.

Para al-Suri o uso de violência armada deverá estar baseado numa estratégia a longo prazo, racional e completa, em vez de numa perspectiva metapolítica e utó-

17 O sírio Abu Musab al-Suri (n. 1958), ou Mustafa Setmariam Nasar, é conhecido por ser um dos mais influentes estrategas do jihadismo. Não conseguimos ter acesso à totalidade do texto da al-Suri. Contudo, tivemos como base uma tradução abreviada em inglês de Jim Lacey, oficial do exército norte-americano, que foi feita sob os auspícios do *US Joint Forces Command* (Lacey, 2008).

pica. Tal como os outros teóricos explorados atrás, este sírio não é nenhum escolar religioso, é sim um estratega ao serviço do jihadismo global.

A importância deste manifesto é tal que, não raras vezes, é referido como uma espécie de combinação entre “A Minha Luta” (1925) de Adolf Hitler e o manifesto “Que Fazer” (1992) de Vladimir Ilitch Lenine (Lacey, 2008: ix). Isto é, trata-se de um texto que ao longo de cerca de 1.600 páginas articula ideologia, estratégia, doutrina militar, história, convicções políticas e religiosas, críticas e muitas recomendações. Al-Suri faz uma espécie de levantamento das últimas décadas jihadistas e tenta perceber as razões do seu insucesso (Lacey, 2008: 63-100). Entre outros episódios, dá como exemplo o jihadismo sírio das décadas de 1970 e 1980, apontando um sem número de causas para o fracasso desta luta. Uma delas, segundo al-Suri, terá sido a cooperação antijihadista dos regimes locais seculares do Médio Oriente (Lacey, 2008: 108-111). Assim sendo, sugere agora que todos os jihadistas deverão perpetrar ataques e estabelecer bases de operações no maior número de países possível, espalhando uma luta que nenhum exército tem capacidade para combater.

Uma outra causa do fracasso foi o ignorar do papel das minorias étnicas e das tribos, como o caso dos curdos ou dos beduínos, que são utilizadas pelos vários regimes contra os jihadistas (Brachman e McCants, 2006: 16). Importa pois não os ignorar na luta, uma vez que poderão ser cooptados contra o jihadismo, como também aconteceu no Afeganistão, Iraque e Paquistão durante a “Guerra Global contra o Terrorismo”.

Na sua análise, al-Suri dá um papel de relevo ao combatente, ao operacional. Para ele, o jihadista terá mais empenho na luta quanto mais ligado à liderança e melhor doutrinado sobre visão estratégica jihadista estiver. Note-se que, na perspetiva de al-Suri, muitos deles irão substituir líderes operacionais capturados ou mortos.

Este sírio aponta também como fracasso das *jihad* anteriores a falta de apoio popular. Segundo al-Suri, a *Ummah* nunca entendeu verdadeiramente quem eram e o que pretendiam os jihadistas. Como em qualquer ação subversiva a propaganda revela-se essencial no granjeio de apoio populacional, de onde poderá advir ajuda logística e fonte de recrutamento. Com efeito, a propaganda deverá ter um papel crucial na estratégia jihadista global. Através de agressivas campanhas mediáticas deverá comunicar os objetivos do jihadismo global e justificar o uso da violência armada (Lacey, 2008: 189-196).

Al-Suri realça ainda a necessidade de envolvimento dos clérigos muçulmanos, de maneira a legitimar religiosamente a ação jihadista e a facilitar o elemento propagandístico. Nas *jihad* anteriores, parte do insucesso ficou a dever-se ao facto de terem alienado os escolares religiosos. Os clérigos deverão estar ativamente envolvidos para poder dar um corpo ideológico à luta, contribuindo assim para a doutrinação das novas gerações de jihadistas, cruciais para continuar esta luta que é geracional.

Não deixa de ser interessante verificar o peso que al-Suri dá à legitimidade ideológica e à questão propagandística. Aliás, é bastante taxativo quando afirma que tem de haver uma ideologia universal que una toda a comunidade islâmica nos objetivos de resistir ao “assalto” dos “cruzados”. Por isso, a mensagem jihadista não poderá ser nem unilateral nem elitista, sob pena de deixar uma grande franja da comunidade de fora. Nele podemos ver já uma interpretação da dimensão ideológica como sendo um “centro de gravidade”. Não se está focado somente em frentes de guerra jihadista, mas em toda a *Ummah*.

Nos escritos de al-Suri também podemos perceber a influência de teorias ocidentais sobre guerras subversivas. Entre outros, este sírio também destilou as interpretações de Lind e Hammes sobre as guerras de “Quarta-Geração” e a subversão mais “clássica” de Mao Tse-Tung.

Portanto, perante a relativa incapacidade operacional do comando central, al-Suri é o primeiro jihadista a pensar nas mais-valias da estrutura descentralizada de uma resistência jihadista sem hierarquia e sem liderança operacional. Pretende que a *jihad* se aparte do que ele chama “mentalidade Tora Bora”, para abraçar uma luta levada a cabo por células autónomas, sem bases fixas, nem laços organizacionais.¹⁸ Partindo do preceito *nizam la tanzim* (sistema, e não organização), este estratega sugere, como já dissemos, que a *al-Qaeda*, ponta da espada do jihadismo global, tenha uma estrutura central bastante reduzida. Serviria apenas de fio condutor ideológico a diversas células espalhadas pelo mundo (Lacey, 2008: 164-170). Com efeito, verifica-se que o ambiente hostil às estruturas associadas ao jihadismo global levou a uma espécie de liberalização deste movimento subversivo. O movimento deve ganhar forma não da cúpula para as bases, mas vice-versa. Sendo que, por necessidade de comunicação, os *media*, nomeadamente a internet, se revelam fundamentais, permitindo essa mesma liberalização.

Na perspectiva de al-Suri, teríamos então a tal subversão global sem liderança, sem estrutura fixa e sem cadeia de comando e controlo. Seria uma construção fluida, difusa, sem hierarquia e cuja ligação entre os diversos grupos organizacionais se basearia num sistema ideológico, e não numa organização.

Al-Suri é o grande apologista, instigador e teórico dos “lobos solitários” e do “jihadismo de natureza autóctone”. Tornou-se assim uma figura incontornável do jihadismo *online*. É citado com frequência em fóruns e *websites*, e recomendado tanto a líderes como a militantes interessados na ideologia política do jihadismo.

Não sabemos se foi a teorização de al-Suri que espoletou a terceira forma de *al-Qaeda*, ou se foi a génese desta que levou à teorização do sírio. Porém, é óbvia a complementaridade, que se revela perigosamente pertinente pelo contexto em que surge.

¹⁸ Al-Suri refere-se aqui à primeira grande *débâcle* da estrutura de comando e controlo da *al-Qaeda*, sofrida em dezembro de 2001, durante a “Batalha de Tora Bora”, no Afeganistão.

A Uniformidade de Ação

Mas, o que é que estes quatro estratégias têm em comum? Podemos dizer que nos seus trabalhos temos pela primeira vez estratégias, conceitos, regras e conselhos práticos sobre como organizar diferentes entidades jihadistas de uma maneira mais uniforme e eficiente. Tudo está plasmado de uma forma muito secular e com uma abordagem tendencialmente científica a procurar resultados pragmáticos.

Nestes casos, podemos assim falar de doutrinas militares que, com abordagens teóricas e práticas, baseadas em *lessons learned*, permitem uma análise real dos contextos. Possibilita-se assim uma uniformidade na ação, sem grande necessidade de uma cadeia de comando e controlo. Nos trabalhos destes autores estão elencados princípios organizacionais, formas de planeamento, preparação e execução para a consecução de uma vitória militar jihadista. Isto é, apartando-se da dimensão religiosa, eles apresentam métodos de combate e de emprego das forças jihadistas em vários contextos.

Esta comunidade de estratégias é o alvo epistemológico dos “Estudos Estratégicos Jihadistas”. Um termo recentemente introduzido na academia ocidental pelos noruegueses Thomas Hegghammer e Brynjar Lia, do *Norwegian Defence Research Establishment*. Designa então a tarefa de análise de conteúdo de textos sobre estratégia jihadista, de maneira a perceber o pensamento estratégico da liderança da *al-Qaeda* e, naturalmente, o futuro do jihadismo global (Lia e Hegghammer, 2004).

Com efeito, pelas razões acima indicadas, estes são trabalhos que diferem dos demais. Se atentarmos àqueles que consideramos as linhas de pensamento dos fundadores do jihadismo global não lemos mais que legitimação, exortação e mobilização. Não deixam de ser construções políticas aliadas a retóricas religiosas para justificar o porquê da ação armada. Trata-se de grande estratégia. Diferentemente, nos textos de al-Qurashi, al-Naji, al-Muqrin e al-Suri lemos método e estratégia. De uma forma muito funcional eles analisam o “como” conduzir a luta jihadista, e não tanto o “porquê”.

Uma outra característica é que, muito embora existam outros escritos sobre estratégia militar jihadista, estes emergem todos mais ou menos na mesma altura e pela mesma forma – num momento de desterritorialização da *al-Qaeda* e através das novas tecnologias de comunicação, mormente a internet. A criação destes textos surge por alturas da terceira manifestação da *al-Qaeda* e como colmatação de uma necessidade.

Notas Conclusivas: A Arte Operacional

Com base nestas premissas concluímos então que a ausência intencional de uma estrutura de comando de controlo impossibilita uma estratégia política e militar coerente. Resta apenas a componente ideológica e parte operacional. Na primeira

manifestação de *al-Qaeda* essa ausência não é sentida, pois há comunicação direta entre o operacional, o líder operacional e a liderança estrutural – há comando e controlo. Na segunda, esta presença estrutural ainda se mantém, há atores-chave que, inseridos na vasta rede, têm ligação ao comando central. Contudo, na terceira manifestação de *al-Qaeda*, perante a rutura estrutural que impede comunicação e as diferentes culturas estratégicas de uma *jihad* descentralizada, torna-se urgente uma estratégia político-militar “independente” de uma cadeia de comando. Isto é, sente-se a falta de uma doutrina militar que torne estrategicamente coerente as várias ações operacionais. Lembramos que sucesso operacional não é sinónimo de sucesso estratégico. Logo, na ausência de comando e controlo é então necessário um “mecanismo” que articule estas duas valências (Marques Guedes, 2007).

Os escritos dos autores e fundadores mais proeminentes do jihadismo focam-se demasiadamente na grande estratégia. O excesso de preceitos ideológicos e filosóficos não dá margem para depurar uma estratégia militar jihadista. Os textos fundadores do jihadismo global falham na instrução do procedimento jihadista em guerra.¹⁹

Autores como al-Qurashi, al-Naji, al-Muqrin e al-Suri, embora com focos operacionais diferentes, vêm colmatar essa falha – apresentam uma metodologia de guerra jihadista. São exemplos de um pensamento sistemático que se debruça sobre o contexto operacional. Eles vêm criar o tal mecanismo entre a dimensão ideológica e a componente tática. Procuram assim estabelecer uma doutrina de combate coerente e comum. Na nossa perspetiva são os primeiros a conceptualizar no jihadismo aquilo que em linguagem militar ocidental se chama de “arte operacional”.²⁰ Falamos do elo que melhor associa as ações táticas à consecução dos objetivos estratégicos. Mas não se trata nem duma “pequena estratégia”, nem duma “grande tática”.

19 É um facto que interpretações dos textos corânicos poderão destilar o conceito de *jihad* não só como ideologia ou grande estratégia, mas também como, em jeito clausewitziano, um tipo de guerra “islâmico”. Porém, não uma estratégia militar aplicada a determinados contextos, tornando-se irrelevante ao nível operacional.

20 Por “arte operacional” entenda-se uma teorização, de origem soviética e adaptada pelas forças armadas dos EUA e NATO no final da década de 1980, sobre a melhor forma de associar as ações táticas à consecução dos objetivos estratégicos. Dito de outra forma, tem como ponto de aplicação o teatro de operações e procura definir o espaço surgido entre os níveis estratégico e tático (Barnett, 1996; Luttwack, 1980). Embora se situe entre estes dois níveis, está separada deles e do foro mais criativo – é “arte” e não “ciência”. Da arte operacional formulam-se os princípios de guerra e doutrinas de combate, interpretam-se os objetivos estratégicos vertendo-os em ações táticas e é estágio de debate de ideias e ponto de comunicação entre comandantes e subalternos. De acordo com a doutrina militar NATO, seguida pelas forças armadas nacionais a “Arte Operacional” é o “emprego de forças militares para atingir os objetivos estratégicos e/ou operacionais através da conceção, organização, integração e realização de campanhas, as operações principais, e as batalhas” (NATO-AAP06, 2012).

Este corpo doutrinal comum permite um sucesso estratégico não dependente de uma cadeia de comando. Isto é, na impossibilidade de comunicação de preceitos estratégicos, pela ausência de comando e controlo, reúne uma estratégia mais ampla com uma dimensão operacional. Parte de uma grande estratégia e determina métodos, conceitos, formação, planeamento e de operações. Al-Qurashi, al-Naji, al-Muqrin e al-Suri vêm apontar o tipo, os meios e a direção da atividade operacional, sugerindo que, para o sucesso estratégico, deverão ser desempenhadas determinadas ações (Adamsky, 2009).

Com esta espécie de “arte operacional” jihadista são obtidos os mesmos resultados estratégicos, não obstante as diferentes culturas estratégicas dos vários grupos a agir em nome do jihadismo global, o teatro de operações ou a dimensão operacional. É, portanto, uma forma de garantir, sem comando e controlo, que as ações táticas sejam consistentes com o objetivo estratégico. Os trabalhos desta comunidade de estratégias surgem-nos assim como um enquadramento que permite formular princípios de guerra e doutrina de combate coerente. Além disso, servem também como mecanismo conceptual que articula objetivos estratégicos e ações táticas. E, sendo a um nível operacional, permite uma plataforma de encontro entre o líder operacional e subordinados.

Em suma, num momento de descentralização qaedista a “arte operacional” surge, em nossa perspetiva, como fruto de uma “criatividade estratégica”. É a melhor forma de superação do vazio criado pela incapacidade de uma estrutura de comando e controlo. Ao nível ideológico o jihadismo global tem os tais “guiões” doutrinários passados nas mensagens da liderança. Ao nível tático restava o funcional processo mimético. Era preciso uma articulação entre os dois registos que canalizasse operacionalmente uma estratégia ampla e permitisse uma efetiva aplicação das forças. Foi então que, a partir de 2003/2004, assistimos ao surgimento de uma espécie de comunidade de estratégias jihadistas que disseminou os seus trabalhos na internet. De uma certa forma, os *websites* jihadistas acabam por ser substitutos das reuniões de chefes de Estado-Maior (como no Conselho da *Shura* ou na “Comissão Militar” da *al-Qaeda*) onde se compunha o discurso estratégico. Lá debatem declarações da liderança, assuntos militares, religiosos, estratégicos e operacionais. Uma vez acecidos pelos militantes, substituindo o comando e controlo, tornam-se plataformas geradoras de “arte operacional”. Os trabalhos de al-Qurashi, al-Muqrin, al-Naji e al-Suri não deixam então de ser a cristalização desse tipo de debates, por forma a evitar uma contraprodutiva amplitude de conclusões.

Ou seja, o terceiro “centro de gravidade” da *al-Qaeda* foi surgindo na clara impossibilidade de uma estrutura identificada de comando e controlo. Pode então, hoje em dia, a *al-Qaeda*, ser reconhecida não como uma organização, tal como nos seus tempos iniciais o era, mas antes como um sistema que parte de uma ideologia e que assenta numa estrutura fluida, não verticalizada, difusa, sem hierarquia, e que

navega numa rede virtual, tal como o previsto por estes novos estrategas em resposta “dialética” às pressões do novo ecossistema, cada vez mais “apertado”, em que se vê constringida a ter de operar.

Referências

- AAP06 (2012). *NATO Glossary of Terms and Definitions*.
- Adamsky, Dima (2009). “Jihadi Operational Art: The Coming Wave of Jihadi Strategic Studies”. *Studies in Conflict & Terrorism* n°33, pp. 1-19.
- Al-Naji (sem data). *The Management of Savagery* (tradução de William McCants para o Olin Institute for Strategic Studies da Universidade de Harvard). Disponível em <http://www.wcfia.harvard.edu/olin/images/Management%20of%20Savagery%20-%202005-23-2006.pdf>
- Barnett, Roger W. (1996). *Strategy, Operational Art, Tactics, Concepts and Doctrine*. US Naval War College: Strategic Research Department, Research Report 4-96.
- Bokhari, L. et al. (2006). *Paths to Global Jihad: Radicalisation and Recruitment to Terror Networks*, Norwegian Defence Research Establishment (FFI), Report n.º 2006/00935.
- Brachman, Jarret M. e McCants, William (2006). *Al-Qaida's Playbook*. West Point, New York: CTC Press.
- Brachman, Jarret M. (2009). *Global Jihadism: Theory and Practice*, Londres: Routledge.
- Childs, Matt D. (1995). “An Historical Critique of the Emergence and Evolution of Ernesto Che Guevara's Foco Theory”, in *Journal of Latin American Studies* n°27.
- Cigar, Norman (2008). *Al-Qaida's Doctrine for Insurgency*, Washington DC: Potomac Books.
- Clausewitz, Carl von (2008). *On War*, Book VIII, trad. ing. (Cor. J. J. Graham). Digireads.com Publishers.
- Duarte, Felipe Pathé et al. (2010). “Violent Radicalization and Terrorism”, in AA.VV. *Towards a Safer Europe – Policy Papers*. European Values Network.
- Duarte, Felipe Pathé (2007). *No Crepúsculo da Razão – Considerações sobre o Terrorismo Pós-Guerra Fria*. Lisboa: Prefácio.
- Duarte, Felipe Pathé (2011). “O Jihadismo Global – A (in)Coerência de uma Estratégia de Subversão?”. *Nação e Defesa* n°128. Instituto da Defesa Nacional.
- Emmerson, Michael et al. (coord.) (2009). *Islamist Radicalization: The Challenge for Euro-Mediterranean Relations*. Brussels: Center for European Policy Studies.
- EU Terrorism and Situation and Trend Report (TE-SAT)* (2008). Os relatórios estão disponíveis em https://www.europol.europa.eu/latest_publications/25.

- Guevara, Ernesto Che (1961). *Guerrilla Warfare*. New York: Monthly Review Press.
- Inspire*, al-Malahem Media, Summer 2010, winter 2011 e Spring 2011. Disponível em <http://azelin.files.wordpress.com/2010/06/aqap-inspire-magazine-volume1-uncorrupted.pdf>, <http://azelin.files.wordpress.com/2011/01/inspire-magazine4.pdf>, e <http://azelin.files.wordpress.com/2011/03/inspire-magazine5.pdf>.
- Kurzman, Charles (2012). "Muslim-American Terrorism in the Decade since 9/11". *Triangle Center on Terrorism and Homeland Security*. Disponível em http://sanford.duke.edu/centers/tcths/documents/Kurzman_MuslimAmerican_Terrorism_in_the_Decade_Since_9_11.pdf
- Lacey, Jim (ed.) (2008). *A Terrorist Call to Global Jihad – Deciphering Abu Musab al-Suri’s Islamic Jihad Manifesto*. Annapolis: Naval Institute Press.
- Lia, Brynjar e Hegghammer, Thomas (2004). "Jihadi Strategic Studies: The Alleged Al Qaida Policy Study Preceding the Madrid Bombings". *Studies in Conflict and Terrorism* n° 27, pp. 355-375.
- Lia, Brynjar (2009). *Architect of Global Jihad: The Life of Al-Qaeda Strategist Abu Mus’ab Al-Suri*. London: Hurst Publishers.
- Lind, William *et al.* (2008). "The Changing Face of War: Into the Fourth Generation", in Terry Terrif, Aaron Karp e Regina Karp (eds.), *Global Insurgency and the Future of Armed Conflict: Debating the Fourth Generation Warfare*. New York: Routledge.
- Luttwak, Edward (1980). "The Operational Level of War". *International Security* 5(3), pp. 61-79.
- MacCants, William (ed.) (2006). *Militant Ideology Atlas, Research Compendium*. New York: Combating Terrorism Center.
- Marques Guedes, Armando (2007). *Ligações Perigosas: Conectividade, Coordenação e Aprendizagem em Redes Terroristas*. Coimbra: Edições Almedina.
- Nelson, Rick "Ozzie" e Bodurian, Ben (2010). *A Growing Terrorism Threat? Assessing "Homegrown" Extremism in the United States*. Center for Strategic and International Studies, Homeland Security and Counter-Terrorism Program: Washington DC.
- Nesser, Peter (2008). "Chronology of Jihadism in Western Europe 1994-2007: Planned, Prepared, and Executed Terrorist Attacks". *Studies in Conflict & Terrorism* n°10.
- Paz, Reuven (2004). "Qa'idat al-Jihad, Iraq, and Madrid: The First Tile in the Domino Effect". *PRISM Special Dispatch*, ½. Disponível em <http://www.ict.org.il/Articles/tabid/66/Articlsid/557/currentpage/14/Default.aspx>
- Precht, Tomas (2007). *Home Grown Terrorism and Islamist Radicalization in Europe – From Conversion to Terrorism*, Research report funded by the Danish Ministry of Justice.
- Pregulman, Ally e Burke, Emily (2012). *Homegrown Terrorism*. Washington DC: Homeland Security and Counter-Terrorism Program.

- Roy, Olivier (2008). "Al-Qaeda in the West as a Youth Movement: The Power of a Narrative", *CEPS Policy Brief* n°168.
- Stout, Mark *et al.* (2008). *The Terrorist Perspectives Project – Strategic and Operational Views of Al-Qaida and Associated Movement*. Annapolis: Naval Institute Press.
- Taber, Robert (1976). *Teoria e Prática da Guerrilha – A Guerra da Pulga*. Lisboa: Iniciativas Editoriais.
- Vidino, Lorenzo (2006). *Al-Qaeda in Europe: the New Battleground of International Jihad*. New York: Prometheus Books.
- Zabel, Sarah E. (2007). *The Military Strategy of Global Jihad*. Carlisle Barracks: Strategic Studies Institute, US Army War College.